

OS REUMOS DA EDUCAÇÃO – CONSIDERANDO OS DESTINATÁRIOS O CONTEÚDO E O MÉTODO.

O XXXI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO está demarcado por acontecimentos dramáticos que incidem na organização do trabalho pedagógico quando estamos planejando atividades curriculares, considerando os destinatários, os conteúdos e métodos que vamos nos valer. Vamos delimitar três níveis de acontecimento – internacional, nacional e local e vamos priorizar na análise a situação dos estudantes dos professores e demais trabalhadores da educação, a relação com a comunidade o currículo e a gestão administração que não podem ser vistos desarticulados.

- (1) O primeiro acontecimento dramático é a guerra que devasta forças produtivas, devasta nações, destroem serviços públicos, destrói meios de produção, destrói a natureza destoe povos, etnias, atingindo a classe trabalhadora, assassinando crianças, jovens, mulheres, idosos. As guerras imperialistas, capitalistas, estão proliferando e podemos constatar-las, por exemplo, na Ucrânia, na Palestina, na Faixa de Gaza, na África, no Congo, na América Latina, no Equador. E com as terríveis guerras tradicionais que ameaçam toda a humanidade a uma catástrofe nuclear, temos a guerra social, visível nas consequências, quando faltam políticas públicas de combate à fome, o desemprego, a falta de direitos por saúde, educação, moradia, transporte, segurança, preservação do meio ambiente. Está aí o cadastro ambiental, climática, os avassaladores temporais que não encontram medidas para amenizar o sofrimento da população. Temos exemplo disto na Bahia, no Rio de Janeiro, No Rio Grande do Sul. Estamos vivendo um tempo histórico de regressão social como consequência das políticas ultra neoliberais aplicadas no mundo pelos capitalistas que detém meios de produção, detém lucros, detém as riquezas concentradas, em quando a maioria da população passa fome, está desempregada e não consegue pagar suas dívidas com o que é base, a comida na mesa.
- (2) O segundo acontecimento é que durante 08 anos, desde 2016 quando ocorreu o golpe parlamentar, midiático, empresarial, militar contra a presidenta legitimamente eleita Dilma Rousseff, sofremos um terrível retrocesso nas políticas públicas com reformas terríveis como a reforma trabalhista, a terceirização sem fim, a reforma previdenciária, a reforma educacional, através da reforma do ensino médio, a reforma na formação de professores e a implementação da famigerada BNCC, entre outras. Temer e Bolsonaro implementaram a política ultra neoliberal dos que perderam as eleições em 2014. Isto impactou muita a vida de todos nós e culminou, também em decorrência da Pandemia da COVID 19, na morte de mais de 700 mil pessoas, dentre as quais os mais atingidos foram os povos indígenas, quilombolas, o povo preto. Estas estatísticas foram

apresentadas na CPI da Covid 19 no Senado e ficou comprovado o que aqui estamos afirmando. A CPI da COVID 19 no Senado Brasileiro comprovou que ocorreu crime contra a humanidade, crime comum e crime de responsabilidade, por parte dos que estavam no governo no caso “as direitas com Bolsonaro Mourão e seus generais”, os fundamentalistas, religiosos que querem quebrar o estado laico, os negacionistas, os obscurantistas, os que cultivaram o ódio como política. Foram tempos difíceis em que o retrocesso das políticas sociais aumentou a miséria, a fome, o desemprego e as mortes. Por outro lado, aumentou os lucros dos mais ricos, que ampliaram suas fortunas. Por isto tempos que dar o nome correto a quem foi responsável por isto, são “assassinos sociais” e devem ser julgados. SEM ANISTIA. Isto tudo impactou a Educação, as escolas, em especial a nossa escola. O Processo ensino-aprendizagem que já merecia críticas severas, simplesmente não ocorreu e não podemos culpabilizar professores e professoras e os estudantes. Existem outras determinações que temos que analisar: (1) as decisões políticas em especial em relação ao financiamento, ao sistema nacional de educação que não se concretizou e o Plano Nacional de Educação que não se materializou; (2) o financiamento e os fundos públicos indo parar nos bolsos dos empresários, privatistas da educação, entre os quais a Fundação Lemann, e os articuladores do “Todos pela Educação”; (3) as condições objetivas de trabalho, deterioradas, com falta do básico até as tecnologias mais avançadas. Basta perguntar pelas instalações físicas, laboratórios, refeitórios, alimentação; (4) as condições tecnológicas precaríssimas tanto no que diz respeito a internet, quanto aos equipamentos aos programas etc; (5) a vida profissional dos trabalhadores da educação, sua formação inicial e continuada, as condições de trabalho, carreira, salários, gestão organização. Enfim, o que podemos constatar é que ocorreu na educação um aprofundamento do fosso entre escolas públicas e privadas e se acentuou a disputa do setor empresarial, privatista para cima do setor público, da escola pública. As medidas como educação à distância, militarização das escolas, homeschooling, educação domiciliar, escola-sem-partido, avaliações censitárias de larga escala, parceria publico-privado, implantação da famigerada e degenerada BNCC, a Reforma do Ensino Médio, a BNC-Formação, entre muitas outras medidas, intensificam o processo de desmantelo da Educação Pública. Temos agora mais uma disputa difícil que é o Plano Nacional de Educação (PNE) que entra em discussão dias 28 e 29 de janeiro de 2024, na Conferência Nacional de Educação (CONEN). “As direitas” com suas pautas conservadoras, empresariais, privatista, coma pauta dos “costumes” e da ideologia da classe dominante, entram na disputa super bem-organizadas e, com fartos recursos, financiados pelos setores que também financiaram o ataque as instituições no dia 08 de janeiro de 2023, para destruir a frágil democracia que construímos até aqui. O que temos pela frente é a necessidade de organizarmos muito bem nosso Plano Anual de trabalho na escola pública e nos reorganizarmos para além da escola para,

unificados reivindicarmos com a classe trabalhadora, o que é concreto e melhora a vida da população: comida, educação, saúde, trabalho e renda digna, transporte, segurança, creches públicas de qualidade, Educação de Jovens e Adultos de qualidade, sem privatizações, sem desmonte dos serviços públicos. Financiamento público para a educação pública que é direito nosso e dever do estado, na cidade e no campo. Ou seja, a Educação precisa estar articulada com um projeto histórico para além do capital. Rumo a uma outra organização social humanizada que preserve a vida e as condições de nossa existência.

- (3) O Terceiro acontecimento diz respeito a nossa própria escola Edgar Santos. Os fatos nos mostram que estamos tendo esvaziamento da escola. Esvaziamento de estudantes, de conteúdos, de professores, de trabalhadores da educação e, da participação da comunidade. Temos que nos perguntar o que está acontecendo na nossa escola. Esta análise criteriosa, rigorosa e de totalidade precisa ser feita. Vamos nos ater na análise a situação dos estudantes, da participação da comunidade, dos professores, do currículo, da gestão escolar.

3.1. Quanto aos **estudantes** temos indicadores que os estudantes estão abandonando a escola, para trabalhar ou porque a escola não responde mais os seus anseios. Aqui temos que nos perguntar o que fazer para os estudantes ingressarem, permanecerem e concluírem com êxito seus estudos e mais, terem uma perspectiva de vida digna na sequência da vida. Não bastam as medidas de incentivo do Governo Federal como o Pé de Meia. Nós temos que responder as perguntas sobre por que os jovens não querem ou estão abandonando a educação? Somos nós coletivamente que temos que encontrar respostas e propostas para que a juventude e a sociedade valorizem a escola, a educação pública.

3.2 A situação dos **professores e demais trabalhadores da educação** é gravíssima. Muitos contratos precarizados, serviços terceirizados. Salários aviltados, planos de cargos e salários não cumpridos, formação inicial e continuada precária e com constantes rebaixamentos teóricos, condições objetivas de trabalho cada vez mais precárias. Os professores e os demais trabalhadores da Educação estão sofrendo a terceirização, os contratos precários e a violência que inclusive tem tirado a vida de professoras/os. Soma a isto, as delicadas relações humanas que mostram deterioração e precisam ser enfrentadas. São relações humanas autoritárias, racistas estruturais, eivadas de preconceitos, de homofobias, machistas, patriarcais que temos que coletivamente enfrentar, explicar, enfrentar com propostas superadoras. Não bastassem os ataques conservadores contra os professores impondo censura, para que certos conhecimentos não sejam tratados na escola, temos o problema interno de relações humanas precárias, tóxicas e muitas vezes violentas. Temos que enfrentar isto e propor ações, planos, coletivos para superar esta degeneração.

3.3 A situação das **relações comunitárias**, a escola e seu diálogo para com a sociedade, para além da escola. A escola está sofrendo violência por dentro e

por fora da escola. A comunidade deve ser nossa aliada, deve conosco enfrentar problemas que se refletem dentro da escola. A relação Escola-Comunidade é outro fator que rebate no ensino-aprendizagem dos/as estudantes e nas relações humanas dos/as trabalhadores/as da educação que atuam na escola. E quando pensamos o planejamento temos que pensar nesta relação. A escola é lugar de acolhimento, pode ser um polo de referência cultural para a comunidade. Referência para elevar o padrão cultural, mas isto exige um planejamento coletivo, participativo. Isto exige financiamento, exige infraestrutura, exige pessoal, exige planos. Se não os temos, temos que buscá-los. A participação da comunidade tem sido limitada pelas próprias condições da classe trabalhadora na vida concreta. Isto diz respeito a situação da classe trabalhadora que está cada dia mais difícil, enquanto não se tomam as medidas radicais para reconstruir e transformar o Brasil, o estado, o território, o município, a cidade o bairro. Dentro dos nossos limites, nos cabe perguntar o que fazer para contar com a participação democrática inclusiva, da comunidade?

Por fim duas dimensões que temos que avaliar com muito rigor na semana pedagógica: o currículo e a gestão.

3.4 O Currículo está esvaziado de conteúdos clássicos como ciências, artes e filosofia. O currículo continua negando os conhecimentos de matrizes africanas e indígenas. Isto decorre de reformas que priorizam os interesses do capital, dos empresários, com suas ideologias da meritocracia, da competitividade, das elites, da privatização, da militarização. Temos que nos posicionar contra estas diretrizes, mas, temos que fazê-lo apresentando uma proposta superadora, melhor, mais avançada e isto exige trabalho coletivo e muito estudo a respeito do que existe de mais avançado. Não tem prática revolucionária sem teoria revolucionária. Isto implica que temos que nos valer do melhor que a humanidade acumulou em termos de currículo emancipatório, que amplie a capacidade teórica dos estudantes e desenvolva plenamente suas potencialidades. Existem, sim, propostas de teorias psicológicas histórico-culturais e, teoria pedagógica histórico-crítica que precisam ser consideradas, contempladas, experimentadas na escola. Como organizar os conteúdos, considerando a periodização do desenvolvimento humano, os destinatários e com que métodos vamos ensinar o que precisa ser ensinados no tempo escolar para desenvolver ao máximo as possibilidades humanas, desenvolver as funções psíquicas superiores? Temos que tomar a decisão de, cada um em sua área específica apresentar detalhadamente, no dia-a-dia, o seu planejamento de ensino-aprendizagem dos conteúdos clássicos – ciências, artes, filosofia. Enquanto os filhos da classe trabalhadora nas escolas públicas destruídas e esvaziadas, não aprendem nada ou só aprendem o que interessa ao capital, como ser “empreendedor de si mesmo”, só aprendem o que as matrizes liberais, de livre mercado, ensinam, os filhos das elites, das classes medias, da classe dominante que detém os meios de produção, estudam e acessam nas escolas privadas, os conhecimentos mais avançados que a humanidade produziu historicamente nas áreas das ciências, artes e filosofia. Nossa resposta é vital e vai ser observada nos planejamentos e na consideração dos destinatários, dos conteúdos e métodos de ensino.

3.5. A situação da **gestão e administração escolar**. Aqui temos uma situação gravíssima com “as direitas” e suas pautas avançando. Temos constatado nas gestões interventores autoritários, demissões ou afastamentos arbitrárias, com assédios e, muitas vezes, com um conjunto de medidas que podem levar as pessoas ao suicídio se não físico, mas psicológico, moral, profissional. Estamos adoecendo em todos os sentidos. E esta situação exige de nós, reflexão profunda em conjunto com bases científicas, com disposição militante e com muita coragem e determinação para acertar, para superar, para avançar no que diz respeito a gestão da escola porque ela impacta todo o Planejamento impacta a vida dos profissionais da educação e fundamentalmente impacta no ensino-aprendizagem dos estudantes.

No sentido de enfrentar a realidade concreta, da atualidade e suas contradições por dentro da escola pública estamos propondo que:

- (1) O ponto de partida seja um **diagnostico rigoroso** da situação da escola e da educação;
- (2) Que seja desenvolvido um processo rigoroso que relacione todas as medidas necessárias, a partir da **posição da classe trabalhadora e suas reivindicações**, para que a escola pública laica, inclusiva, democrática, participativa, de qualidade socialmente referenciada cumpra sua função social que é possibilitar que os estudantes acessem o acervo cultural acumulado pela humanidade que nos humaniza porque eleva nossas potencialidades humanas. Teremos que reconhecer o que são reivindicações concretas imediatas, de médio e longo prazo. Nossa escola esta, por exemplo, a exigir, imediatamente, uma reconceptualização, uma reforma verdadeira, que realmente abra a escola para as aprendizagens importante para a formação omnilateral, humanizada, ou seja uma formação que conteste, critique e supere a formação rebaixada, unilateral, para mercado de trabalho análogo ao trabalho escravizado.
- (3) Assumir o compromisso de **estudar, estudar, estudar coletivamente**, para nos **instrumentalizar, para criticar, contestar** as BNCC, Reforma do Ensino Médio e a BNC-Formação e propor algo superador. Estudar o que é o melhor para o planejamento do ano letivo que garanta o ensino-aprendizagem de qualidade para os que frequentam a nossa escola, nos três períodos. Sem sólidos fundamentos teóricos-metodológicos de base crítica, progressista, revolucionária, a educação vira educação bancária.
- (4) Planejar ações concretas, **retornar a nossa prática social**, com propostas para além de nossa escola, com a comunidade do entorno, com outras instituições como as universidades públicas, os movimentos de luta social como a CONEN, entre outros, para, coletivamente, enfrentarmos os graves problemas que temos em nossa escola e que refletem os problemas de um sistema falido que precisa ser superado. Ações que abarquem minunciosamente o dia a dia das salas de aulas, mas que contemplem este esforço coletivo para valorizar a escola pública, laica, inclusiva, democrática, participativa de qualidade socialmente referenciada que cumpre sua função social que é o pleno

desenvolvimento das capacidades humanas dos estudantes pelo acesso aos conhecimentos clássicos da ciência, das artes da filosofia..

Partindo da realidade concreta, problematizando, nos instrumentalizando, criando coletivamente propostas superadoras, seremos capaz de retornar ao nosso trabalho pedagógico em outro patamar mais elevado. VIVA A ESCOLA PUBLICA DE QUALIDADE SOCIALMENTE REFERÊNCIA NA CLASSE TRABALHADORA.

Salvador, 21 de Janeiro de 2024 – Mês da Revolta dos Malés, Mês do centenário da morte do Camarada Lênin

Edenice Santana

Professora da Rede Pública – Aposentada

GRIO da CONEM